

prisma.soc

Newsletter da Sociologia de Coimbra

FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Número 8 - Março 2021



Editorial 1

Ensaios

Sílvia Portugal	3
Maria Rovisco	4

Entrevista

Carlos Fortuna	6
----------------	---

No terreno

Daniela Pereira Neto	9
Lucas Brasil Pereira & Manuel Soares	10

Projeto

Virgínia Ferreira	12
-------------------	----

Socionet

Jaime Roque	13
-------------	----

Sociologia mexe

Ana Rita Brás	15
---------------	----

Vaivém

Ana Francisca Ferreira	17
Carolina Anselmo	18

Encontros

Josinaldo Araújo Júnior	20
Madalena Duarte	20 & 21
Lucas Brasil Pereira	22

Igualdade

Mónica Lopes	24
--------------	----

Ganhar a vida

Rafael Lemos	25
--------------	----

À margem

Bernardo Rocha & Rafael Borges	26
--------------------------------	----

Ler (n)a pandemia

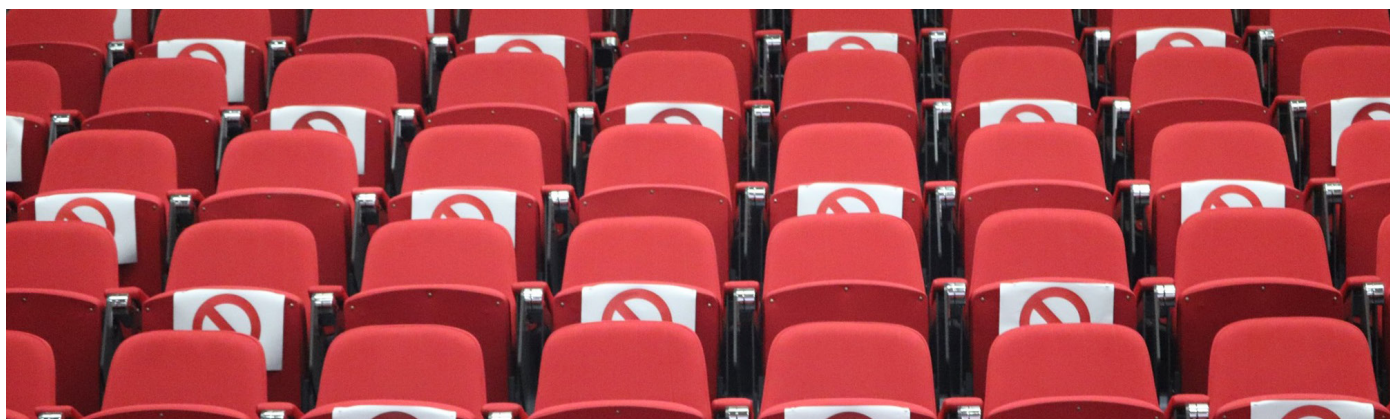
	28
--	----

Ufa!

	29
--	----

Fotografia de Carlos Barradas

A Sociologia não pára



A pandemia causada pela Covid-19 trouxe consequências particularmente nefastas ao nível da saúde, pública e individual, física e mental. Num cenário de risco, a ciência foi chamada a dialogar e/ou conduzir o poder político na definição e implementação de medidas urgentes que combatessem a pandemia. Talvez não de forma surpreendente, a centralidade foi conferida às ciências médicas, biológicas e matemáticas, secundarizando-se as ciências sociais. Mas estas, e em particular a Sociologia, são fundamentais na análise desta crise e na definição de políticas inclusivas, socialmente justas e dignas.

As consequências da pandemia e as medidas de confinamento rapidamente extravasaram para a economia, a política, a educação, a cultura, para o espaço público e íntimo. Em intersecções sinuosas entre o macro e o micro, vimos as relações afetivas e familiares desafiadas, as dinâmicas quotidianas transformadas, os laços sociais enfraquecidos, as redes institucionais fragilizadas, as solidariedades questionadas, o que nos penalizou individualmente e enquanto comunidade. O vírus exacerbou, de forma singular, as desigualdades estruturais e as múltiplas vulnerabilidades daqueles/as que se encontram mais à margem da sociedade e, por isso, mais expostos à violência, à pobreza e à exclusão social. Canta-nos o Sérgio Godinho, “Longe vão os tempos de ser como dantes/ No novo normal/ Nunca

nada vai ser/ Nunca igual”. A Sociologia tem um papel indispensável na análise contextualizada deste novo léxico, do pressuposto das normalidades, do presente que vivemos e das possibilidades que se desenham para o futuro.

Este número 8 da *prisma.soc* convoca-nos, pois, a refletir sobre a pandemia, as suas dinâmicas e consequências, a partir da Sociologia. Fá-lo, desde logo, em dois Ensaios. O primeiro, de Sílvia Portugal, convida-nos a pensar no cuidado e no modo como este afronta as políticas que nos isolam, distanciam e que vulnerabilizam os/as já vulneráveis. O segundo ensaio, de Maria Rovisco, parte do contexto do Reino Unido para analisar como os/as artistas respondem aos desafios da pandemia com novas formas de vida coletiva e de organização de trabalho mais solidá-

Este número 8 da Prisma convoca-nos, pois, a refletir sobre a pandemia

rias e justas. Os obstáculos colocados pelo contexto pandémico às artes e à cultura estão igualmente presentes no ensaio visual de Bernardo Rocha. A estes junta-se a entrevista a Carlos Fortuna, Professor Catedrático de Sociologia da FEUC, que aborda, entre outros aspetos, os desafios atuais e futuros das urbanidades e da Sociologia.

Os reptos à Sociologia colocam-se, desde logo, e como é referido na entrevista, aos/às jovens sociólogos/as e, por isso mesmo, os dois textos de “No Terreno” são dedicados aos desafios metodológicos encontrados pela Daniela Neto, quando

da elaboração da sua dissertação de mestrado, e aos modos criativos de os abordar, como nos mostram Lucas Brasil e Manuel Soares no texto que escreveram em conjunto. Mas surgem igualmente nos desafios aos/às estudantes, como o Rafael Lemos, que conciliam a aprendizagem da sociologia e a experiência profissional e aos/às que, apesar do confinamento, persistiram nos trilhos académicos traçados que passam por diferentes cidades, países e continentes (como nos contam as idas e vindas da Carolina Anselmo e da Ana Francisca Ferreira).

A Covid-19 adiou encontros académicos, obrigou a transformações epistemológicas, mas a produção e partilha de conhecimento não foi

interrompida (já isso nos sugeria o número 7 da Prisma, ao abordar a Sociologia na transição digital). É disso exemplo o projeto “Pandemia e Academia em casa”, coordenado por Virgínia Ferreira; as conferências, seminários e encontros de que nos dão conta a Rita Brás e o Josinaldo Araújo; e as várias teses de mestrado e doutoramento defendidas durante o último ano. O conteúdo desta Prisma faz-se ainda de outras rubricas habituais, como a “Socionet”, que nos traz diversos sites úteis recolhidos pelo Jaime Roque. Espaço ainda, nesta recolha - e porque o conhecimento também se faz pela e com a memória - para o acervo público sobre a “Memória das Ciências Sociais em Portugal”, que destaca investigadores e professores da FEUC.



Comissão Editorial

Ana Rita Brás – Doutoranda em Sociologia

Bernardo Rocha – Mestrando em Sociologia

Carlos Fortuna – Professor de Sociologia

Jaime Roque – Mestrando em Sociologia

Lucas Brasil Pereira – Doutorando em Sociologia

Madalena Duarte – Professora de Sociologia, Coordenadora desta edição

Rafael Lemos – Mestrando em Sociologia

Sílvia Ferreira – Professora de Sociologia

Cuidado e pandemia

Sílvia Portugal

Professora de Sociologia, FEUC

O cuidado é frequentemente visto como excepcional, pontual, episódico, resultante de “acidentes” que suscitam assistência e apoio, de doenças que se curam, situado em fases específicas da vida – a infância ou a velhice. Esta noção tem sido questionada por um vasto conjunto de autoras, que vem construindo um conceito amplo de cuidado, o qual reconhece, por um lado, a sua centralidade na vida diária de cada um/a, e por outro lado, que todas as pessoas, durante toda a vida, precisam de cuidados (Mol, Moser e Pols, 2010). Um olhar a partir do “paradigma do cuidado” permite esbater as fronteiras entre “os doentes”, “os frágeis”, e “os outros”. Teoriza-se sobre um mundo onde todas/os somos vulneráveis (Tronto, 1993), no qual a interdependência é fulcral e o cuidado se estende para lá do humano, também aos objetos, animais e ambiente (Laugier, 2012). Questiona-se a abstração liberal do indivíduo racional, isolado, autónomo e independente como base do laço social, mostrando-se, pelo contrário, como este se tece na proximidade e na vida ordinária de todos os dias.

Quando saímos das generalidades conceptuais e olhamos para “os detalhes da vida” (Laugier, 2012), encontramos um mundo no qual praxis e pensamento, ação e emoção, pessoas e artefactos se entrecruzam. O paradigma do cuidado reconhece a relevância dos sentimentos, não fazendo uma celebração ingênua das relações afetivas,

que eclipse as relações de poder e dominação, mas sim reconhecendo a importância das emoções e dos laços que nos ligam aos outros, mesmo quando contraditórios. Assim, o olhar a partir do cuidado remete os sentimentos para um lugar determinado – o da atividade prática (Paperman, 2013). Segundo Paperman (Idem), não estamos a falar dos sentimentos em geral, mas sim daqueles de um determinado tipo, que desenham uma orientação específica (moral) relativamente aos outros e às relações – amor, atenção, compaixão, respeito, preocupação. Falamos, assim, de “pontos de vista morais “ordinários”, enquanto expressão da vida-de-todos-os-dias-e-todas-as-noites” (Paperman, 2013: 36).

A atual pandemia mostra a pertinência deste olhar para a compreensão do mundo em que vivemos e para a construção de respostas aos desafios sociais e políticos que enfrentamos. A propagação do vírus revelou de um modo brutal a nossa vulnerabilidade e interdependência, no entanto, a reação global à pandemia consistiu, de um modo generalizado, no confinamento e no isolamento social. Ao invés da construção de “uma conceção alternativa da responsabilidade em termos relacionais” (Molinier e Paperman, 2015: 48), que construísse o cuidado de si e da/os outra/os enquanto forma de lidar com uma experiência comum e partilhada, criadora de solidariedade e confiança, a luta contra o vírus apostou no atomismo social.

Ao longo deste último ano, assistimos ao triunfo de uma linguagem bélica, que transformou cidadã/os em soldados e polícias, armadas/os pelo medo, a insegurança e a suspeição, e criou trincheiras, cercas e barreiras que não cessam de se multiplicar: “os infetados”, os “assintomáticos”, os “grupos de risco”, aos quais agora se juntam “os vacinados” e os “não vacinados”. Em vez do “nós” do humano vulnerável e (inter)dependente, cria-se um “eu” (ir)responsável, que vê no seu semelhante uma ameaça.

O “paradigma do cuidado” desafia os códigos discursivos e simbólicos da luta contra a pandemia e fornece elementos para pensar formas de conciliar a convivência com o(s) vírus, com a convivência social e a confiança.

Referências

- MOL, A.; MOSER, I. & POLS, J. (2010). “Care: putting practice into theory”. In: MOL, A.; MOSER, I. & POLS, J. (Eds.). *Care in Practice: on tinkering in clinics, homes and farms*. Transcriptverlag: Bielefeld.
- MOLINIER, P. & PAPERMAN, P. (2015). “Descompartmentalizar a noção de cuidado”. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 18: 43-57.
- PAPERMAN, P. (2013). *Care et Sentiments*. Paris: PUF.
- TRONTO, J. C. (1993). *Moral Boundaries: a political argument for an ethic of care*. New York: Routledge.

Razões para viver

As artes e a imaginação criativa em tempo de pandemia – exemplos do Reino Unido

Maria Rovisco

Professora de Sociologia, Universidade de Leeds

Em Abril de 2020, a escritora Indiana Arundhati Roy descreve no jornal Financial Times a pandemia como um portal: “historicamente, as pandemias forçam os humanos a quebrar com o passado e a imaginar o seu mundo de uma nova forma. Esta pandemia não é diferente. Esta é um portal, é uma porta de entrada entre este mundo e o próximo”. Estas palavras enigmáticas de Arundhati Roy capturam, de forma singular, a resposta de vários sectores das indústrias culturais e criativas do Reino Unido à pandemia. Apesar de estas serem um dos sectores da economia que mais sofreu com a pandemia, eu quero argumentar, centrando-me em exemplos do Reino Unido, que as artes são uma arena cultural onde muitos artistas respondem aos desafios da pandemia com a busca de novas formas de vida coletiva e de organização do trabalho artístico mais solidárias e justas. Ao contrário de outros sectores da economia e da sociedade, é no mundo das artes que se observa um desejo mais pronunciado de quebrar com o passado - um passado caracterizado pela precariedade e práticas de exploração do trabalho artístico – e a imaginação de formas de vida em comum, que valorizam o bem-estar social e não o crescimento económico desmesurado.

Pergunto-me se a pandemia é um portal, é uma porta de entrada para quê? A resposta a esta questão não é linear porque, como irei argumentar, a inovação e a capacidade de imaginação política e criativa dos artistas são acompa-

nhadas por um aumento da precariedade e a continuação de práticas de exploração do trabalho artístico (por exemplo, convites para trabalhar de graça). Tsioulakis e FitzGibbon (2020) notam que quando a pandemia chegou à Europa os locais de exibição cancelaram eventos ou fecharam por completo e, em consequência, os músicos e os artistas de teatro não só perderam o trabalho imediato, mas também trabalho no futuro, porque os contratos incluem pouca proteção para cancelações futuras. Tsioulakis e FitzGibbon concluem que a maioria das iniciativas de apoio financeiro de entidades estatais responsáveis pela cultura e pelas artes são pobres e insuficientes, e que os chamados peritos em cultura não vêem o trabalho criativo como um trabalho a sério. No Reino Unido, nos sectores mais dependentes de audiências ao vivo, como a música, as artes performativas, e as artes visuais, houve, durante a primeira metade de 2020, um declínio de 30%, que equivale à perda de 55,000 postos de trabalho nestas áreas de atividade (Walmsley, Gilmore e O'Brien, 2021).

Não há dúvida que a pandemia tem/teve um efeito devastador nas indústrias culturais e criativas, mas, paradoxalmente, é também nestes sectores que se observa a emergência de formas radicais de organização e financiamento do trabalho artístico. Segundo Walmsley, Gilmore e O'Brien (2021), os fenómenos do Brexit e do 'Black Lives Matter' convergiram com o Covid-19 e forçaram as organizações culturais a repensar os

seus modelos económicos e a prestar mais atenção ao racismo, assim como às desigualdades sociais e à inclusão e ao acesso às artes e à cultura.

É preciso reconhecer, no entanto, que a crise gerada pelo Covid-19 constitui também uma oportunidade para os artistas re-imaginarem o trabalho criativo e a sua ligação e a interação com os públicos. Durante o primeiro confinamento proliferaram no Reino Unido projetos artísticos com base na comunidade que envolveram diretamente as comunidades e o público no processo criativo. O objetivo principal destes “lockdown art projects” era estimular a criatividade, estabelecer e rejuvenescer os laços, as relações sociais e comunitárias, entre pessoas e grupos que se encontravam isolados. Um destes projetos é a galeria online “Unlocked - Inspiration from isolation” que a organização de artes Space2 desenvolveu com várias comunidades locais da cidade de Leeds. A exibição consiste num espaço virtual onde os visitantes exploram os resultados de várias atividades criativas desde a poesia, os têxteis e a arte visual, à dança e ao cinema. Jelena Zindovi, diretora e curadora do Espaço2, explica que “(...) Foi um tempo muito difícil para toda a gente e é bom ver que a arte tem sido tão importante em termos de manter as pessoas envolvidas e conectadas” (Zindovi citada por Wardill, 2021).

Estes projetos artísticos de raiz comunitária são um bom exemplo das várias

iniciativas de solidariedade pública contra a pandemia que emergiram no Reino Unido. Uma ideia que está subjacente a estes projetos é a convicção de que as artes, como catalistas da imaginação, são promotoras do bem-estar e da saúde mental; se a saúde física é essencial para a vida, as artes são igualmente essenciais porque nos dão razões para viver e sonhar (Wyman, 2004: 10). É ainda de salientar que artistas de renome como a artista visual Tracey Emin e o pintor David Hockney são alguns dos artistas ingleses que, durante o primeiro confinamento, decidiram partilhar de forma gratuita a sua arte, assim como reflexões sobre as suas vidas pessoais e artísticas. Fizeram-no no sentido de estabelecer, não só uma relação mais próxima com os seus públicos, mas também para ajudar as pessoas a lidar de forma mais positiva com o isolamento (The Guardian, 2020). Enquanto Tracey Emin partilhou na rede social do Instagram um diário pessoal sobre a sua vida pessoal e artística em confinamento, David Hockney, da sua casa em França, decidiu partilhar imagens de 10 das suas mais recentes pinturas, assim como algumas ideias acerca do papel da arte na vida. Se a generosidade destes artistas pode ser vista como um antídoto contra a crise, é importante não normalizar a ideia de que as artes são um serviço grátis a que os consumidores têm direito, como defendem Tsioulakis e FitzGibbon (2020). Há que reconhecer, acima de tudo, os privilégios de artistas célebres – como Hockney e Emin – bem como as dinâmicas de poder e as desigualdades sociais que dominam o mundo das artes. Os benefícios destas novas formas de interação com os públicos e comunidades são inegáveis, mas os riscos destas iniciativas, desde os “lockdown art

projects” ao diário do Instagram de uma artista célebre como Tracey Emin, são o de transformar o artista em doador ou agente de caridade e o de reduzir a arte à condição de terapia.

Se a pandemia é, como sugere Arundhati Roy, um portal para um mundo diferente, no caso das artes, este é um mundo onde é possível imaginar formas radicalmente novas de organização do trabalho artístico, que incluem práticas novas de networking, colaboração e cooperação. Com a chegada do primeiro confinamento em Março de 2020, o artista visual Juan Del Gado encontrava-se, na sua casa em Londres, com mais de 80 horas de imagens filmadas, destinadas ao seu mais recente projecto documental sobre a destruição ambiental e cultural da comunidade indígena dos Sami. Numa conversa que tivemos por videoconferência para discutir uma futura colaboração, Juan disse-me que, uma vez que se encontrava impedido de viajar para completar as filmagens, tomou uma decisão radical; ele ofereceu acesso sem restrições ao material filmado e lançou um convite público pela internet a editores freelance que partilhassem a sua visão de “criatividade sem fronteiras”. Os editores entrevistados foram selecionados pela sua capacidade de trabalhar de forma autónoma e sem um guião preciso, o que se revelou assustador para alguns dos editores recrutados (Mialondonblog, 2021). Mas, ao abandonar práticas convencionais do trabalho artístico, para dar vazão à liberdade de criação de um grupo de profissionais de vários locais do mundo que ele nunca conheceu pessoalmente, Del Gado conseguiu não só finalizar, mas também reinventar o seu papel de realizador de filmes. Apesar de a pandemia ter

tido um efeito devastador na economia das indústrias culturais e criativas, a verdade é que a pandemia também revolucionou formas convencionais de fazer arte, como vimos neste exemplo do artista Juan Del Gado. É possível argumentar que a pandemia é um portal para um mundo onde é possível repensar modos convencionais de fazer arte, mas também reconhecer o papel da arte como um catalista para a imaginação de formas de vida comum caracterizadas pelo bem-estar social e ecológico.

Referências

- MIALONDONBLOG (2021). "Avoiding isolation in lockdown: art lessons from Cezanne, Messiaen, Laura Yuile and Juan delGado".
- ROY, A. (2020). "The pandemic is a portal". *Financial Times*.
- Editorial (2020). "The Guardian view on art in the time of coronavirus: labours of love". *The Guardian*.
- TSIOULAKIS, I. & FITZGIBBON, A. (2020). "Performing Artists in the age of COVID-19: A moment of urgent action and potential change". *Q Pol*.
- WALMSLEY, B., GILMORE, A. & O'BRIEN, D. (2021). "Recovery isn't a black and white picture". *Arts Professional*.
- WARDILL, J. (2021). "Virtual gallery showcases Leeds communities' lockdown art projects". *Yorkshire Evening Post*.
- WYMAN, M. (2004). *The Defiant Imagination: Why Culture Matters*. Toronto: Douglas & McIntyre.

“Nada de regressos aos passados, nem retrotopias”

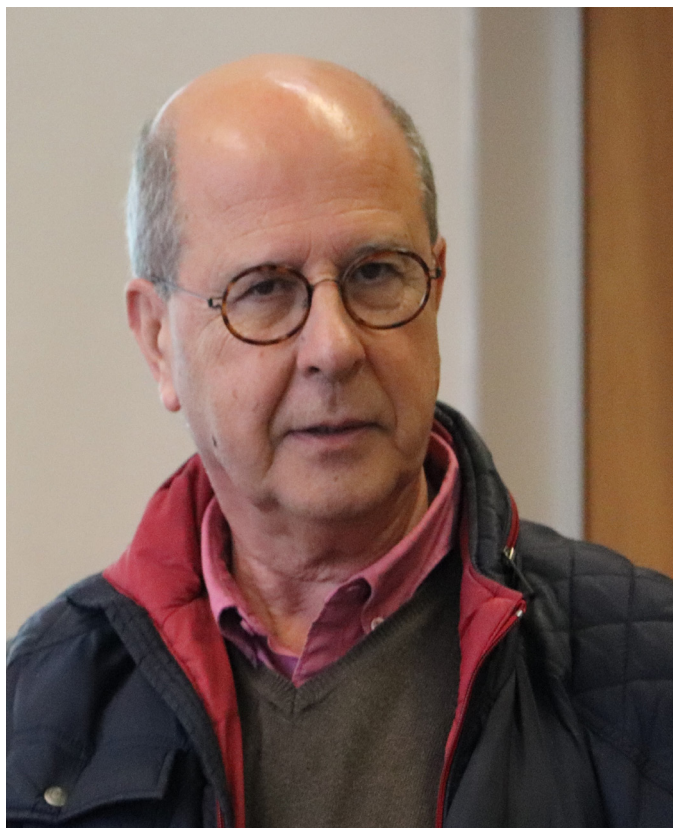
Entrevista com Carlos Fortuna, Professor de Sociologia da Universidade de Coimbra

Lucas Brasil Pereira

Doutorando em Sociologia, FEUC

Professor Catedrático de Sociologia da Faculdade de Economia, Carlos Fortuna lançou recentemente o livro: “Cidades e Urbanidades” (2020). Nesta entrevista, debruçado sobre as questões urbanas e atento às velozes transformações que têm condicionado a vida nas cidades, ele nos falou um pouco sobre o futuro das urbanidades e a implicação para o fazer sociológico diante das mudanças nos modos de vida urbano, da pandemia e das novas possibilidades que se abrem com os desafios que estamos enfrentando. Além disso, Carlos Fortuna trouxe interessantes reflexões acerca da importância da caminhada como instrumento sociológico e sobre como devemos estar atentos ao vulgar, aos contrastes e ao ausente quando perscrutamos as cidades.

Boa leitura!



Professor Carlos Fortuna

Lucas Brasil Pereira (LBP): Aproveitando o lançamento recente do seu livro “Cidades e Urbanidades”, gostaria de saber, tendo em vista o contexto atual da pandemia, como o professor enxerga, num exercício livre de futurologia, de “suposição informada”, a cidade no futuro. No futuro imediato, claro, mas também daqui a 30, 40 anos. Acha que haverá mudanças profundas nas urbanidades? Acha que a pandemia deixará marcas duradouras nos modos de vida urbanos?

Carlos Fortuna (CF): Tudo o que podemos dizer hoje sobre o nosso futuro é condicionado pelos avassaladores efeitos da pandemia que estamos a enfrentar. Em particular quando se trata de imaginar as cidades do futuro. Respondendo à sua questão direi que sim, que assistiremos a mudanças profundas. Nada de regressos aos passados, nem retrotopias.

De um lado, serão maiores as desigualdades e mais agudas as fraturas entre os seus e os nortes do globo. As urbanidades – entendidas como modos de relação social em contexto urbano – serão rotinas mais fugazes, instantâneas, mais vulneráveis. Os relacionamentos,

“Depois da pandemia, é importante reaprender a ser e a estar”

personais ou profissionais, serão mais curtos e mais frios, talvez. “Relações-de-não-relação”, poderíamos dizer? Enfim, semelhantes ao que alguns pensadores consideram gerados em comunidades do

caso, comunidades dos que não têm nada em comum. Também os valores que os sustentam serão diferentes. Baseados em outras consciências das vulnerabilidades humanas e logo de maior respeito pelos direitos e os modos de interação pessoal direta com o mundo, com aquilo que vemos, com o que comemos. Ou mesmo mais: os modos como respiramos, como pensamos o ambiente versus poluições, com o que queremos escutar... Enfim, são todos eles princípios e valores que se

renovam. Baseiam-se no princípio elementar de dever escutar os outros. A arte de escutar os outros revela uma maior disponibilidade de partilha e melhor condição de convivências comunitárias como antídoto contra a insegurança planetária. São tudo novos desafios para a Sociologia e os seus praticantes.

LBP: E para além da pandemia, conseguiria nos indicar quais são as grandes narrativas ou transformações que têm operado sobre as cidades e que potencialmente vão transformá-las cada vez mais nos próximos anos?

CF: O revés de globalização chama-se DES-globalização. Esta pode tornar-se uma nova narrativa. Uma pressão para a localização das coisas, para a valorização dos locais: para tudo o “que está a acontecer aqui”. *Localizar*, no sentido de tornar locais, as economias – no conforto das regionalizações físicas e mentais. Aproximar os espaços de relação familiar, de trabalho, de lazer e cultura. Com efeitos sobre o turismo... acho que pode envolver um tremendo rombo ou mesmo o fim do turismo de massas e do *beaten track* enquanto trajeto coletivo, resultante da retoma da escala humana e da vida dos grupos pequenos. Haverá também uma possível instrumentação dos quotidianos, com saúde acessível – uma tecnosaúde –, com meios sociotécnicos como GPSs, oxímetros, etc. e a disponibilidade de informação e muitos outros dispositivos técnicos. Assim como também poderemos assistir ao aumento dos autodidatismos como realização da própria formação. A internet servirá para isso e também para uma busca da felicidade, de sucesso, de aventura. Outro processo tem a ver com a acentuação da velhice como negócio promissor. Deixa de ser um objeto de atenção pessoal ou familiar. Ocorrerá uma mercantilização da velhice. No seu conjunto e cada uma de uma maneira, essas transformações acarretarão novas linguagens na cidade. Linguagem dos transportes, da arquitetura – edifícios mais sustentáveis, por exemplo – das especialidades, dos consumos, das soluções digitais...

LBP: Agora num registro mais vinculado à sua experiência pessoal como sociólogo e académico, que conselhos daria àqueles que estão agora a se embrenhar no universo da sociologia? Que conselhos daria para a prática da investigação sociológica? Para onde olhar? Como olhar? O que e como fazer?

CF: Começaria por lhes dizer para não recuarem pe-

rante os enormes desafios que fazer sociologia representará. Que olhem para as ressocializações. Depois da pandemia, é importante reaprender a ser e a estar. Como praticar outras atitudes, outros valores, modos de estar, de compartilhar as coisas. A pandemia suspendeu uma série de rituais. Redefini-los e reaprendê-los será um enorme desafio. São na verdade outros valores, atitudes e comportamentos. A pandemia reduziu a cinzas um conjunto de códigos sociais. Festas e celebrações? Têm de ser experimentadas de outras maneiras. Férias de verão? Também. Espero que os novos praticantes da Sociologia passem a dar muita atenção a estas reapredizagens. Saber escutar e sentir, aprender a partir de si mesmos, de suas próprias ressocializações e experiências sensoriais. E por aí em diante. Mobilizar os sentidos... será a grande revolução epistémica da disciplina. Nela se desenha uma nova epistemo-

“ *As cidades estão limitadas a responder às interrogações sociológicas que lhes colocamos* ”

logia sociológica... sentir, escutar, associar tudo isso ao olhar. Esse é o novo sentido do arquipélago dos saberes (como lhe chamava Bento de Jesus Caraça). Mas saberes sensoriais, quiçá espirituais. Sociólogos jovens devem estar disponíveis para o impensado. Ter menos manuais e mais serendipidade para realizarem uma sociologia da realidade surpreendente e menos da realidade pré-concebida. O fim dos manuais, um certo desdém – uma dúvida – dos clássicos da modernidade, a sua profunda releitura: a adoção de uma postura ativa de questionamento quanto ao que é a sociologia tal como ela existe hoje. É assim que serão abertas outras pistas, interrogações e soluções.

LBP: Ainda sobre sua experiência pessoal e de mundo, trago uma pergunta que desloca a memória e acaba por misturar um pouco trabalho e prazer. Mas sabendo que é um amante das cidades e das andanças, apontaria para nós algumas particularidades de cidades que visitou e que muito o encantaram? Pela sua própria experiência, quais cidades, bairros ou ruas aconselharia a “experimentarmos” ao menos uma vez?

CF: Poderia ser esultícia fazê-lo. Limi-to-me a aconselhar a experimentar os lados menos conhecidos das cidades conhecidas. As áreas das diferenças vividas. Buscar uma espécie de re-mapping dos nossos trajetos e territórios corriqueiros e aprender com eles. Paralelamente, aconselharia sentir as outras cidades. As geografias distintas fisicamente, mas acima de tudo distantes culturalmente. Como organizam a vida pública, como se vive ali cidadania urbana, como se faz e cria cultura, como é a governança urbana...

Nas cidades próximas, sugiro dar-lhes sentido. Aos edifícios, às praças, aos equipamentos e às pessoas e organizações, com isto, revelar os contrastes com as suas ausências. Quando não existem, torná-los objeto de interrogação. Nas cidades longínquas, poderíamos tentar perceber o que podem revelar nas práticas políticas e nas suas urbanidades outras. O que pode Reikjavik dizer-nos, ou o que nos revela Kioto, ou nos espanta na Cidade do Cabo, ou, por outras palavras, o que admiramos na Hudson Street em Nova Iorque, na Cedofeita no Porto, ou a Nevsky Prospekt em São Petersburgo... Tudo, no fundo, depende do que procuramos nesses lugares, ou seja, da sociologia que conduz as nossas viagens e trajetos. As cidades estão limitadas a responder às interrogações sociológicas que lhes colocamos.

LBP: Ainda nesse esteio, poderia narrar brevemente uma caminhada, com suas impressões e lições, que teve e foi marcante em visita a uma cidade que tenha especialmente gostado?

CF: É de sociologia que se fazem as nossas caminhadas urbanas. Nas cidades desenha-se o futuro coletivo. Todas são valiosas. Caminhar nas cidades é o melhor expediente para as conhecer e aprender com elas. Mas caminhar nas cidades velozes de hoje pode ser um anacronismo, pois dominam os carros, as vias rápidas, a ausência de lugares para sentar. Devemos tentar inverter e pôr fim ao aceleracionismo, à velocidade quotidiana, que convertem os caminhantes urbanos em seres estra-

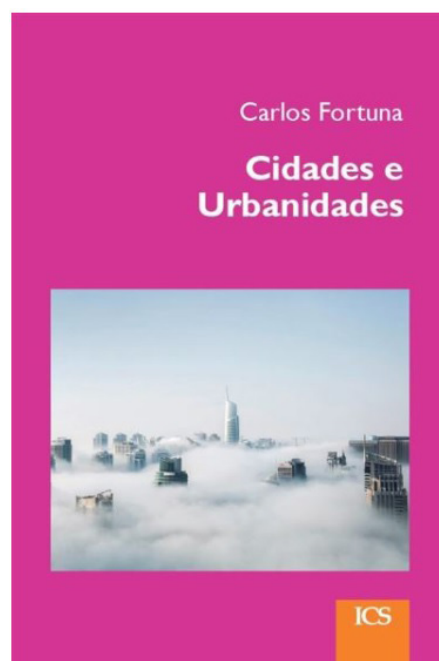


Localizando as economias, aproximando os espaços.

nhos. Devemos procurar viver a lentidão dos processos, a duração das relações, a permanência das coisas. Por isso, não posso sugerir cidade alguma. Atrevo-me a pensar que se pode fazer a mesma caminhada urbana de dia e de noite. Isso pode mostrar como as ruas e as praças das cidades respiram, como trabalham e como descansam. Com cadências e ritmos próprios e diferenciados. Nessas metamorfoses do diurno-noturno é a vida dos lugares que se transforma. E com elas, transformam-se também as cidades. E também nós nos transformamos com elas. A compreensão dessa mudança faz a sociologia das urbanidades e dos/das sociólogos/as por inteiro.

Para saber mais:

FORTUNA, Carlos (2020). *Cidades e Urbanidades*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.



Elaborar uma dissertação em tempos de pandemia

Desafios e oportunidades

Daniela Sofia Pereira Neto

Mestre em Sociologia, FEUC

“**A** final, o que é o assédio sexual?” é o título da dissertação que concretizei no âmbito do Mestrado em Sociologia, cujo objetivo foi o de analisar sociologicamente as representações dos/as estudantes da Universidade de Coimbra relativamente ao assédio sexual. A revisão da literatura permitiu compreender que pouco se conhecia e se conhece em relação a este assunto e, por isso, o trabalho no terreno revelou-se de extrema importância. Optei por uma investigação qualitativa, através da qual os objetos não são reduzidos a simples variáveis, mas representados na sua totalidade dentro dos seus contextos quotidianos. Para tal, foram concretizados focus group e entrevistas semiestruturadas.

Os *focus group* são uma metodologia muito relevante, atendendo à profundidade dos dados que permitem recolher, dado que possibilitam conhecer e compreender as atitudes, as crenças e os sentimentos dos/as intervenientes acerca de uma problemática, sobretudo devido à interação com o grupo. O caminho que percorri na recolha de dados nem sempre foi sereno e repleto de vantagens e o planeamento e aplicação dos focus group foram etapas particularmente difíceis. Para planear as sessões recorri aos Núcleos de Estudantes e à Direção-Geral da Associação Académica de Coimbra, com o intuito de chegar ao máximo de estudantes que me fosse possível. Contrariamente ao que esperava, estes con-

tactos foram difíceis de estabelecer porque nem sempre chegaram respostas e, as que chegaram, não foram todas positivas. Todos estes pontos negativos condicionaram os resultados da investigação e, apesar de ter conseguido concretizar quatro sessões de focus group, ficou pendente a ambição de recorrer novamente a esta metodologia para a realização de mais sessões noutros contextos, de forma a englobar outros/as participantes.

No mês de fevereiro de 2020, tal como inicialmente planeado, foram concretizadas as sessões de focus group, longe de saber que me iria cruzar com uma pandemia e que os planos e previsões teriam de ser restabelecidos. Ninguém conseguia prever o impacto e o fim da situação pandémica e, por isso, à medida que o tempo foi passando, foram necessárias mudanças que tiveram implicações diretas na minha dissertação. Desde logo, obrigou-me a uma luta constante contra o tempo e impossibilitou-me de aplicar novamente os focus group. Perante esta circunstância, um dos principais obstáculos foi o de perder o contacto presencial com as pessoas, o que abriu caminho para que tudo se reinventasse em torno do digital. Assim, face a esta mudança, muitos indivíduos tiveram de refazer as suas rotinas e os seus quotidianos à frente do ecrã, cujo desafio se estendeu também à minha dissertação. Esta mudança para o digital foi difícil para todos/as e obrigou-me a espe-

rar que as pessoas se acomodassem à nova realidade e gerissem o seu tempo, para poder dar continuidade à minha investigação.

Para poder finalizar a dissertação faltava ainda realizar as entrevistas semiestruturadas a associações de estudantes, a órgãos da Universidade, entre outras instituições, e a pandemia trouxe alguns problemas nesta fase, uma vez mais. O período de confinamento mais drástico e as alterações nos regimes de avaliação levaram a que a disponibilidade destas pessoas fosse bastante mais condicionada e apenas foi possível continuar os trabalhos após as suas agendas estarem mais aliviadas. Nem sempre foi fácil concretizar as entrevistas e surgiram outros obstáculos, além dos que já referi. Nas entrevistas via zoom, houve entraves ao nível da comunicação, sobretudo no que diz respeito à qualidade do áudio, sem esquecer que houve muitos detalhes na comunicação não-verbal, igualmente relevantes para o estudo da problemática, que passaram despercebidos.

Este trabalho no terreno, condicionado pela pandemia, não teve apenas desvantagens. Deu-me, desde logo, a possibilidade de analisar com maior profundidade e detalhe toda a informação coletada e, embora não tenha conseguido recolher mais dados devido às condições a que estava sujeita, permitiu aprimorar as reflexões e delinear um conjunto de pistas para que este assunto possa continuar a

ser estudado com o detalhe e relevo que merece. Independentemente da situação pandémica, ou até reforçado por esta conjuntura, o assédio sexual carece de atenção e visibili-

dade. Por fim, importa salientar que todos os contactos estabelecidos e todas as pessoas com quem me cruzei neste percurso permitiram firmar a necessidade de estudar esta

problemática e de lhe conferir maior visibilidade no seio da Universidade de Coimbra.

Mais do que imagens

Investigação e publicação durante a pandemia

Lucas Brasil Pereira & Manuel Soares

Doutorandos em Sociologia, FEUC

Em dezembro passado, publicámos um artigo na revista *GOT* (Geografia e Ordenamento do Território) subordinado ao tema do impacto da covid 19 na utilização dos parques verdes urbanos. Foi um artigo escrito durante e sobre a pandemia, por dois estudantes cujos planos de trabalho das teses de doutoramento se viram afetados por ela.

A ideia para o artigo vinha do ano anterior. Ambos possuímos interesse pelo campo dos estudos urbanos e continuamente ponderávamos a possibilidade de realizar trabalhos em conjunto. Um ano antes já tínhamos decidido fazer um estudo comparativo entre a utilização de um parque verde urbano de uma vila dormitório (Condeixa) e outros que, projetados de maneira semelhante, pudessem indicar padrões em relação à morfologia, equipamentos disponíveis, práticas, apropriações, frequências de uso, etc. A ideia era fotografar e observar os parques diariamente por uma semana. As imagens serviriam como componentes argumentativos da investigação, ilustrando as observações e inferências que pudessem ser levantadas. Contudo, a aproximação

da data das defesas dos nossos projetos de tese e do início de trabalho de campo, prestes a acontecer, impediram que avançássemos além da realização das fotografias.

O confinamento forçado alterou as vidas de muitos de nós e onde antes faltava tempo passou a sobrar. Em junho, um de nós começou a reparar que o parque verde de Condeixa era frequentado diariamente por várias pessoas, ficando a ideia de que havia mais gente do que era habitual naquele espaço, o que suscitou a questão de saber se aquela observação era fruto de simples percepção ou se tinha correspondência com as condicionantes existentes. Logo decidimos resgatar as fotografias que tinham sido feitas em junho de 2019 e, registando durante uma semana novas imagens, pensamos fazer um estudo comparativo dos hábitos de frequência daquele parque no período pré e pós confinamento.

A análise das fotografias dos dois anos indiciava que, de facto, parecia haver mais pessoas a utilizar o espaço numa base diária. Contudo, essa observação levantou interrogações: que impacto teria tido o confinamento forçado de quase três meses para

esse aumento de frequência do parque?; estariam as pessoas mais interessadas em frequentar os espaços verdes urbanos daí para a frente?; o aparente interesse pelo parque era algo passageiro ou uma tendência continuada?

Facilmente constatámos que o artigo não encontraria sustentação apenas numa comparação fotográfica, mesmo propondo somente uma problematização. Eram necessários mais dados. Discutimos maneiras de estruturar uma investigação mais consistente e que celeremente pudesse avançar com algumas respostas às inquietações que nos havíamos autoimposto. Havia que obter mais informações. Para tal, realizou-se um inquérito junto da população de Condeixa.

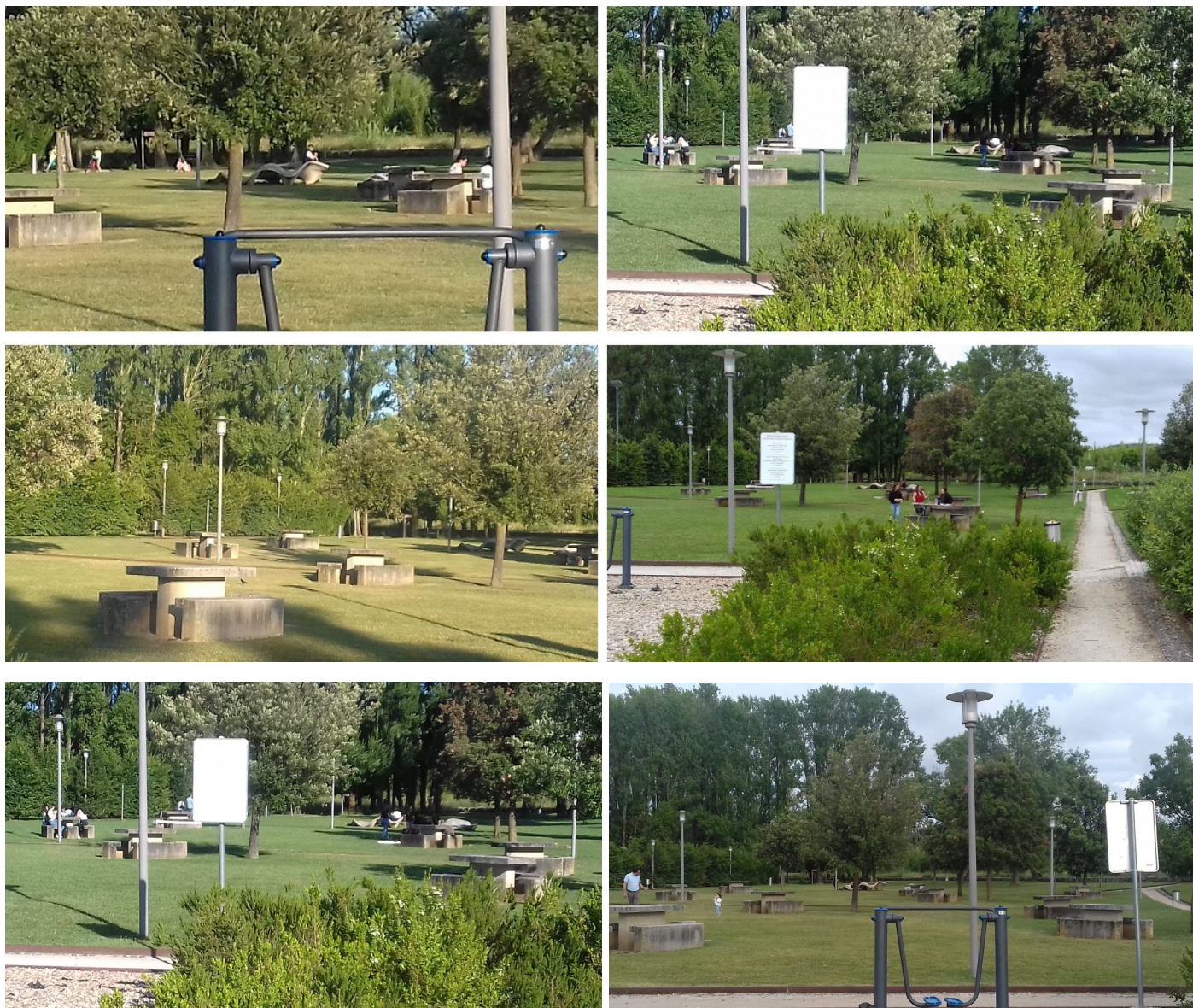
As conclusões que obtivemos distanciaram-se das hipóteses que tínhamos à partida. O confinamento provocado pela pandemia não parecia, afinal, ter despertado um maior interesse pela frequência do parque urbano. Estas informações foram então transformadas num artigo científico mais sólido, organizado e estruturado ao ponto de tornar-se elegível para publicação numa revis-

ta científica.

A pandemia implicou a perda de um ano de trabalho nas nossas teses, pois tivemos de nos limitar a fazer leituras, esque-

cendo o trabalho de campo. Mas os muitos meses em casa permitiram encontrar tempo para desenvolver outros projetos para os quais não havia tempo antes. O artigo que escrevemos juntos foi um desses

exemplos: em equipa, conseguimos, em poucas semanas, ler bibliografia, recolher dados, informação e escrever uma peça consistente e interessante. Nem tudo foi mau, portanto!



Amostra das fotografias do Parque Verde de Condeixa produzidas pelos autores para o estudo publicado no artigo: “Impacto da pandemia da Covid-19 nos hábitos de utilização dos parques verdes urbanos: o caso de Condeixa-a-Nova”, publicado na Revista GOT - Geografia e Ordenamento do Território em dezembro de 2020.

Projeto Pandemia e a Academia em Casa

Que efeitos no ensino, investigação e carreira?

Estudo sobre as mudanças no sistema científico e de ensino superior

Virgínia Ferreira

Professora de Sociologia, FEUC

Múltiplas desigualdades de género marcam a Academia. Especula-se sobre o seu agravamento em condições de pandemia, dadas as dificuldades das mulheres, em especial, de negociar um “quarto que seja seu”. Os indicadores bibliométricos assumem grande centralidade na avaliação do desempenho científico no acesso e progressão na carreira docente e de investigação. A diminuição da submissão de artigos de autoria individual feminina, enquanto a masculina aumentou durante o 1.º trimestre de 2020, e vários alertas e testemunhos sobre dificuldades de conciliar o teletrabalho com ensino e investigação, mostram que são diferenciados os impactos da crise pandémica da COVID-19 em homens e mulheres docentes e/ou investigadoras/es.

A questão da penalização da maternidade tem sido salientada. O Projeto “Parent in Science” revelou que mais mulheres do que homens, e mais mulheres com filhos, do que sem filhos, tiveram dificuldade em terminar artigos em fase de conclusão durante a pandemia. A sobrecarga das mulheres com o invisível e nada compensatório “trabalho doméstico académico” tem sido sublinhada (Guarino & Borden 2017). Durante a pandemia, terá sido ainda mais penosa a negociação entre público e privado sobre a qual se organizam as carreiras académicas. A perspetiva interseccional vai mostrar-nos que, para algumas mulheres, essa negociação terá sido mais difícil ou mesmo impossível.

Objetivos

O objetivo do estudo é conhecer as estratégias de adaptação ao trabalho docente e de investigação sob a COVID-19 quanto a:

- Medidas de contingência tomadas pelas instituições do sistema científico e do ensino superior
- Métodos de trabalho de ensino e de avaliação à distância
- Teletrabalho e conciliação trabalho/família

- Restrições à execução dos planos de investigação
- Impacto percebido na produtividade e nas oportunidades de carreira (em especial de pessoas com mais vulnerabilidade contratual, económica ou social)

Metodologia

O plano misto explicativo sequencial de investigação utiliza resultados qualitativos para interpretar os quantitativos. Será feita análise de documentos institucionais e lançado um inquérito online a duas amostras representativas. Resultados e futuro pós-COVID-19 serão discutidos em entrevistas semiestruturadas com representantes sindicais, governamentais e institucionais, e *focus group* com docentes e investigadoras/es. O plano inclui análise de conteúdo temática às entrevistas transcritas e análise estatística e inferencial dos resultados dos inquéritos.



PANDEMIA E ACADEMIA EM CASA:
ESTUDO SOBRE AS MUDANÇAS NO
SISTEMA CIENTÍFICO E DE ENSINO SUPERIOR

Equipa de investigação:

Cristina Maria C. Vieira, Joana Teixeira, Luísa Winter Pereira, Mónica Lopes

Virgínia Ferreira (Coord.)

Mais informações:

<https://www.ces.uc.pt/pt/investigacao/projetos-de-investigacao/projetos-financiados/pandemia-e-academia-em-casa-que-efeitos-no-ensino>

Sociologia acessível

Jaime Roque

Mestrando em Sociologia, FEUC

As seguintes sugestões de ligações à internet demonstram o modo como a Sociologia se encontra presente numa multitude de projetos que procuram fazê-la chegar ao público geral, desde o jornalismo de investigação até à pedagogia.

.....

Fumaça

<https://fumaca.pt/>



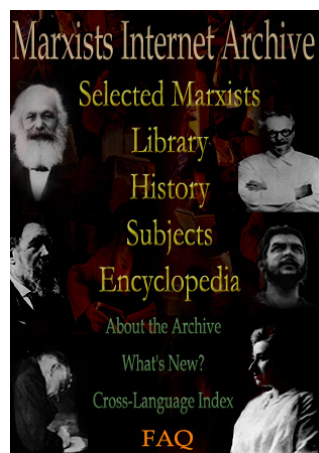
O Fumaça é um órgão de comunicação social independente que dedica o seu trabalho ao jornalismo de investigação, através de entrevistas, reportagens e séries que visam fornecer reflexões críticas sobre um amplo conjunto de temas. Alicerçado na defesa universal dos direitos humanos e no desejo de aprofundamento da democracia, este órgão oferece, assim, um conjunto de trabalhos que procuram refletir sobre as desigualdades sociais e a precariedade, o passado autoritário e colonialista de Portugal e de outros países, a ascensão da extrema-direita e o papel das democracias no século XXI, a pandemia covid-19, entre outros temas. Entre os seus trabalhos, destaca-se a recente série, “Exército de Precários”, sobre a precariedade na segurança privada em Portugal.

Marxists

Internet Archive

<https://www.marxists.org/>

O Marxists Internet Archive é um arquivo não-lucrativo e inteiramente voluntário em que pessoas de vários países procuram construir um abrangente registo da história do marxismo e das múltiplas figuras nele envolvidas, seja através de uma estrita produção literária, seja devido à sua participação ativa na luta de classes. Deste modo, não só é possível ter acesso a um



vasto conjunto de obras publicadas por diversos autores/as, como também é possível dar conta das suas biografias e da história global do marxismo. Existe, ainda, uma secção em português (<https://www.marxists.org/portugues/>). Este arquivo mostra-se bastante importante para sociologia e para qualquer pessoa interessada no tema.

The Sociological Cinema

<https://www.thesociologicalcinema.com/>



O Sociological Cinema, projeto lançado em 2010, procura ser um meio de ensino e aprendizagem da sociologia, através do cinema e da cultura pop. Os visitantes deste website podem encontrar um conjunto variado de ensaios e podcasts, tal como várias ligações onde poderão participar em discussões nas redes sociais. Entre os seus trabalhos, destacam-se os inúmeros vídeos onde filmes, mas também várias peças de publicidade e programas de televisão, são desconstruídos à luz das principais correntes da sociologia para trazer à superfície o modo como reproduzem as narrativas capitalistas, colonialistas e patriarcais dominantes (<https://www.thesociologicalcinema.com/videos>).

Economic Sociology & Political Economy

<https://economicsociology.org/>

A Economic Sociology & Political Economy, fundada em 2011, apresenta-se como a maior sociedade académica online que junta desde investigadores/as até ativistas e cujo objetivo é disseminar os contributos da investigação sociopolítica sobre economia. Procura responder a questões como quais os processos pelos quais as economias são criadas e como emergem os mercados, o que é a incrustação dos mesmos – conceito de Karl Polanyi -, qual o papel das instituições, entre outras. É possível encontrar aqui um conjunto de ensaios

originais, resenhas de livros, vídeos instrutivos, oportunidades de investigação e de emprego e muitos mais recursos. Como introdução, é apresentado um estado da arte essencial acerca das principais tendências da sociologia económica.

Memória das Ciências Sociais

Em dezembro de 2007, foi iniciado o projeto “Cientistas Sociais de Países de Língua Portuguesa: histórias de vida”, que mais tarde seria nomeado “História Audiovisual das Ciências Sociais nos países da CPLP”. O projeto incluiu a realização de entrevistas a cientistas sociais no Brasil, em Portugal e em Moçambique. No total, foram entrevistados/as 21 cientistas sociais em Portugal.

Deste projeto resultou um acervo público sobre a “Memória das Ciências Sociais em Portugal”, numa articulação entre a Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV CPDOC) e o Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL CIES). O acervo é constituído por entrevistas de histórias-de-vida filmadas com investigadores/as amplamente reconhecidos/as nas áreas de Sociologia, Antropologia e Ciên-

cia Política. De entre os/as 21 cientistas sociais selecionados/as, encontramos Boaventura de Sousa Santos, Carlos Fortuna e João Arriscado Nunes, Professores de Sociologia da FEUC e investigadores do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Ouvir e ver as suas entrevistas permite a (re)constituição de uma memória da sociologia e dos modos de relação com o passado, que se torna central para a reflexão contemporânea sobre as ciências sociais.

As entrevistas estão disponíveis em:

<https://cpdoc.fgv.br/cientistasociais/portugal>



Prof. Boaventura de Sousa Santos



Prof. Carlos Fortuna



Prof. João Arriscado Nunes



Ciclo de Conferências

Doutoramento em Sociologia

Ana Rita Brás

Doutoranda em Sociologia, FEUC

Durante o 1º semestre, no âmbito do Doutoramento em Sociologia e da unidade curricular Ciclo de Conferências, realizou-se uma série de conferências protagonizadas por investigadoras dedicadas a áreas temáticas centrais na sociologia contemporânea – a maior parte, investigadoras portuguesas que a pretexto deste Ciclo voltaram à casa mãe, a FEUC, onde viram o seu percurso académico nascer.

A inauguração coube a Sofia Aboim (ICS – Universidade de Lisboa), socióloga cujo trabalho se centra sobretudo nas temáticas de género, sexualidade e cidadania. A autora contextualizou e sistematizou a discussão dos debates em torno dos estudos e políticas de género, dialogando com as alterações nos quadros institucionais e o impacto das mesmas na vida das pessoas trans e nos movimentos sociais LGBTQIA+. Sofia Aboim não ignorou as contradições existentes no seio dos corpos teóricos e dos movimentos sociais. Pelo contrário, afirmou essas contradições e dicotomias enquanto expressões da realidade que estuda – sintomáticas da diversidade e complexidade da sua constituição – e demonstrou a importância de as reconhecer enquanto parte integrante e fecundante da discussão.

A ela se seguiu Fraya Frehse (Universidade de São Paulo) para responder à questão “Como investigar sociologicamente a presença do passado no

presente urbano?”. Em resposta, e a partir da conjugação do trabalho de Henri Lefebvre e Erving Goffman, a autora apresentou uma estratégia metodológica para apreender a presença do passado no presente: o método regressivo-progressivo. Mostrou que o estudo das cidades é, porque as cidades também o são, um campo historicamente marcado pela importância de acontecimentos históricos e tem sempre recorrer ao tempo: o espaço define-se pelo tempo e vice-versa. Assim, Fraya Frehse explicou como utilizar o diálogo com o passado (pesquisa documental) e com o presente (pesquisa etnográfica) para questionar, antropológica e sociologicamente, a aparente previsibilidade do presente das cidades.

Na terceira conferência, a FEUC recebeu de volta Maria Rovisco (University of Leeds), cujo trabalho tem vindo a ser desenvolvido em torno da ideia de cosmopolitismo enquanto prática e orientação de natureza ética e política. Partindo de entrevistas a artistas refugiados/as no Reino Unido, a autora propôs a reconstrução crítica da teoria de espaço público expressivo (Habermas e Mouffe). Afirmando que, atualmente, a maior parte das práticas expressivas não são explicitamente contra-hegemónicas ou ativistas, Rovisco defendeu a existência de abordagens na arte que não envolvem só artistas,

mas também grupos marginalizados. Não contidas nesses modelos teóricos, são práticas não relacionadas com a contestação e que procuram

Investigadoras portuguesas que a pretexto deste Ciclo voltaram à casa mãe, a FEUC, onde viram o seu percurso académico nascer

ram alcançar os públicos a um nível afetivo. A autora mostrou, assim, a existência de práticas expressivas que, sem pretensão de serem ativistas, constituem intervenções políticas, geram dissenso e diálogo cívico.

Na conferência seguinte, Teresa Carvalho, tendo a profissão académica como objeto de estudo, proporcionou-nos uma (auto)reflexão acerca das mudanças estruturais nas instituições de ensino superior e as suas implicações na profissão académica. A autora demonstrou que essas reconfigurações são complexas, não se verificando unanimidade nas perceções dos/as académicos/as sobre tendências na autonomia, poder e burocratização da profissão. No entanto, afirmou não haver dúvidas quanto à crescente complexificação das tarefas, à desintegração e segmentação da profissão, à diminuição da segurança de emprego e ao surgimento de novas formas de precarização do trabalho.

A penúltima conferência ficou a cargo de Eugénia Rodrigues (STIS – University of Edinburgh), cuja reflexão se centrou no caso específico da ciência cidadã. Segundo a autora, a participação de público na ciência tem um potencial transformador não só da ciência, como também do carácter democrático das sociedades contemporâneas. Em-

bora nos seja transmitida uma narrativa de ciência cidadã feita por e para os/as cidadãos/ãs, a verdade é que atualmente ela continua a ser impulsionada e praticada sobretudo por cientistas. Por isso, a autora considera a atual ciência cidadã um local imperfeito de exercício e aprofundamento da cidadania. No seu entender, faltam elementos fundamentais para a sua concretização plena: identificar os saberes que os/as cidadãos/ãs

leigos/as possuem e como os aplicam; reconhecer verdadeiramente que eles/as podem contribuir para a produção de conhecimento científico válido, rigoroso e credível.

Por fim, Gina Santos (Universidade do Minho) trouxe-nos uma reflexão sobre os desafios da empregabilidade para jovens graduados/as. Sendo um conceito contextual e relacional, existem barreiras e facilitadores de empregabilidade associados a fatores individuais ou relacionados com o contexto/mercado de trabalho. Apoiada nesta inter-relação entre agência e estrutura, a autora escrutinou as diferentes perceções dos/as jovens graduados/as face às suas carreiras. Gina Santos destacou a existência de uma tendência para a preferência de modelos tradicionais de carreira, que consideram compensar em termos de desenvolvimento e oportunidades de progressão futura na carreira, em detrimento dos modelos contemporâneos e emergentes, significativamente associados à perda de estabilidade na carreira e insegurança no emprego.

Estas seis contribuições compuseram este Ciclo de Conferências que colocou os/as doutorandos/as de Sociologia em contacto com a investigação nacional, atual e central na sociologia, naquilo que podemos dizer ter sido uma introdução à formação avançada a obter neste ciclo de estudos.

Uma introdução à formação avançada a obter neste ciclo de estudos

Doutoramento em Sociologia 2020/21

Coordenação: **Professor Doutor Carlos Fortuna**



"Género, direitos e desigualdades em tempos de crise"
Sofia Aboim
Instituto de Ciências Sociais (Universidade de Lisboa)
8 de outubro



"Mudanças na Profissão Académica no Contexto das Reformas Políticas e Institucionais"
Teresa Carvalho
Universidade de Aveiro
12 de novembro



"Como investigar sociologicamente a presença do passado no presente urbano?"
Fraya Frehse
Universidade de São Paulo
15 de outubro



"Novas formas de participação pública em ciência e cidadania"
Eugénia Rodrigues
Science, Technology and Innovation Studies (STIS)
University of Edinburgh
26 de novembro



"Arte, cosmopolitismo e cultura pública"
Maria Luis Rovisco
University of Leeds
29 de outubro



"Desafios da empregabilidade para os jovens graduados: agência vs estrutura"
Gina Gaio Santos
Universidade do Minho
10 de dezembro

Eventos Webinar (link disponível na página da FEUC)
17h

Erasmus em tempo de pandemia? E porque não?!

Ana Francisca Ferreira

Estudante de Licenciatura em Sociologia, FEUC

Se há um ano me dissessem que iria fazer Erasmus, no meio de uma pandemia, não acreditaria. A verdade é que a Covid-19 não me fez desistir de ter uma experiência internacional, completamente fora da minha zona de conforto, durante quatro meses.

Desde muito cedo, até antes de entrar na faculdade, sempre tive o “sonho” de ir viver, durante uns meses, num país com uma cultura e hábitos diferentes de Portugal. Quando descobri o programa Erasmus, percebi que era a oportunidade ideal de concretizar o meu sonho. Desde então, comecei a preparar os meus pais para a ideia de ter esta experiência durante a licenciatura. Quando a situação pandémica começou a tornar-se mais crítica, assumi que a Covid-19 não me iria fazer desistir da ideia de viver durante quatro meses noutra país. Estaria a mentir se dissesse que esta situação não me fez reconsiderar ir viver sozinha para o outro lado da Europa. Decidi arriscar, aventurei-me a ir para Budapeste e a fazer um semestre na Corvinus University. Não podia ter feito melhor escolha, mas também tenho de admitir que não tive a dita experiência “normal” de Erasmus. Desafio pode ser a palavra que mais define a minha experiência de mobilidade.

Budapeste foi uma das cidades que sempre estive no topo da minha lista para fazer Erasmus. Os testemunhos de estudantes que já tinham feito as suas mobilidades nesta cidade, fizeram com que me atraísse ainda mais ir

viver nessa cidade. O facto de estar localizada na Europa Central, ter viagens muito baratas para outras cidades europeias, ter um custo de vida relativamente mais barato do que Portugal e ter uma ótima comunidade de estudantes de Erasmus, foram alguns dos motivos que me fizeram escolher a capital da Hungria. Para além disto, uma outra razão que me levou a escolher Budapeste foi a universidade. O facto de ser uma universidade com um bom ranking entre as universidades de ciências sociais, e a fama de acolher muito bem os estudantes interna-

garantir que os meus conhecimentos aumentaram e que, em certa parte, isso também se deveu ao facto dos/as professores/as incentivarem os estudantes a apreender e a estudar e aos métodos de avaliação.

A experiência dita “normal” foi coisa que não tive. Só tive uma aula presencial durante o semestre todo; não pude fazer viagens pela Europa (a Hungria, por causa da situação de pandemia, fechou as fronteiras em setembro de 2020 para o turismo, deixando apenas entrar casos excepcionais, que foi



Universidade Corvinus. Fotografia da autora.

cionais, fez com que a minha vontade de ir para Budapeste aumentasse. Apesar de só ter tido aulas online, comprovou-se que a Corvinus University é uma universidade muito boa, que se conseguiu organizar muito bem ao nível de avaliações e de aulas em formato digital. Posso

o meu caso, pois ia entrar no país para estudar); e não fui às festas de Erasmus que permitem conhecer pessoas de outras nacionalidades. Ir de mente aberta nestas situações é o mais importante e aproveitar ao máximo da maneira que for possível. Durante os quatro meses que estive em Budapeste, senti-me como uma



Budapeste. Fotografia da autora.

verdadeira húngara. Visto que não podia sair do país, tentei experimentar ao máximo a sua cultura e os seus hábitos, conhecer melhor a sua gastronomia e descobrir outras cidades mais rurais, viajando de comboio.



Budapeste. Fotografia da autora.

Posso dizer que a experiência Erasmus foi uma das experiências mais enriquecedoras e mais desafiante que tive até hoje. O facto de irmos viver sozinhos para outro país, sairmos da nossa zona de conforto, experienciarmos

novas rotinas, conhecermos pessoas com ideias e hábitos completamente diferente dos nossos, testarmos os nossos limites, ganharmos outro tipo de responsabilidades, ter contacto com um ensino totalmente diferente de Portugal, são mais valias para o nosso futuro e que nos vão ajudar, enquanto estudantes, a crescer e a ver os desafios do dia-a-dia de maneira diferente.

Vai e vem

Carolina Anselmo

Estudante de Doutoramento em Cidades e Culturas Urbanas, FEUC/CES

Vai e vem. Um título de uma sessão da revista Prisma, mas também um bom resumo dos meus últimos 3 anos. É sobre tal período que escrevo aqui, apesar de começar por fazer uma rápida visita a anos anteriores, tempo em que esse movimento quase pendular de ir e vir começou a se acentuar na minha vida.

Em 2005 conheci Portugal numa viagem de férias. Em 2009 cheguei ao Porto para fazer um mestrado em Arte e Design para o Espaço Público, na Faculdade de Belas Artes da Universidade

do Porto, depois de 2 anos trabalhando como arquiteta no mercado brasileiro. Essa experiência de trabalho aconteceu em um período de muita prosperidade da construção no Brasil. E foi aí que percebi que não me identificava com a atuação do arquiteto nesses termos e acabei por retornar à academia, disposta a visitar outras áreas para repensar minha profissão.

Terminei o mestrado em 2011 e, no ano seguinte, voltei a viver no Brasil. Nos cinco anos seguintes foram alguns vai e vem entre Brasil e Portugal.

Além do afeto que tenho pelo país, meu companheiro é português e vínhamos encontrar a família. Até que decidimos, em 2017, voltar a viver aqui. Eu passei esses anos lecionando em um curso de arquitetura e urbanismo em Belo Horizonte e tal atividade me motivou a fazer um doutoramento. As atividades que eu orientava estavam relacionadas com contextos de exclusão, com repensar os modos de construir e atuar considerando a participação e colaboração dos atores sociais envolvidos.

Conhecendo um pouco das conversas e discussões desenvolvidas no CES, que se aproximavam das atividades que vinham motivando a minha atuação profissional quer como arquiteta e urbanista, quer como professora universitária, decidi tentar o doutoramento na Universidade de Coimbra, mais especificamente o programa em Sociologia: Cidades e Culturas Urbanas.

E lá vem mais um “vem” transatlântico. Voltamos a viver em Portugal. E, dessa vez, eu me dispus a ficar num vai e vem intenso para conciliar a vida pessoal e os interesses de pesquisa. Resultado: casa no Porto, doutoramento em Coimbra, objeto de pesquisa Marvila (situado em Lisboa). Haja deslocamentos semanais para dar conta de tudo! Haja planeamento de tempo, energia e dinheiro! Afinal, não é barato viver no vai e vem. É preciso cobrir despesas com passagens, hospedagens, alimentação. Uma bolsa era essencial.

Começou aí a saga de conciliar despesas, trabalho e estudo. Estive um ano me organi-

zando para concorrer à FCT. Nesse tempo, mais vai e vem: trabalhos de arquitetura no Brasil, mudança de casa para uma mais barata na periferia. Aproveitei também a alta demanda que o turismo gerou no Airbnb para fazer limpezas. Entre essas atividades, aulas em Coimbra, campo em Lisboa. E claro, apoio financeiro do companheiro.

Até que, em 2019, e depois de um ano de trabalho, já tinha um projeto consistente e consegui os documentos necessários para concorrer à bolsa FCT. Vale destacar aqui que o caminhar é tema importante da minha tese, o que inclui esse movimento de ir e vir também nos meus estudos específicos. Por fim, veio a aprovação e a expectativa de uma vida mais tranquila, com vai e vem menos intensos.

Foi então que veio a minha gravidez. E logo a seguir a pandemia. E o vai e vem é substituído por um não fluxo, uma não circulação, um confinamento. Momento de reestruturar os movimentos. Pesquisa de campo dificultada. Pesquisa bibliográfica também

condicionada pela falta de rede de apoio e falta de creche. Até que os casos de Covid começam a diminuir e, aos poucos, já se começa a poder ir e vir. Vieram, então, os meus pais do Brasil para ficar um mês por aqui, o que me ajudou a retomar os trabalhos, uma vez que o meu companheiro trabalha fora todo o dia e o apoio durante o dia não é possível. Logo depois consegui uma vaga na creche. Pensei que poderia retomar os trabalhos finalmente com mais calma. Mas veio de novo o Covid, em sua segunda leva, e devido a casos na creche, não pude uma vez mais ter apoio com o bebê.

A solução para cumprir com os compromissos da tese com a FCT? Outro vai e vem. Um mês de Brasil para conseguir avançar com a escrita das pesquisas e reflexões feitas. E também para a escrita deste texto. De volta a Portugal, tenho a certeza de que é nos movimentos, nos seus intervalos, no caminhar, que a potência da minha tese e da minha força de trabalho se constroem. Estou aberta e curiosa para descobrir qual será a próxima etapa desse vai e vem.



Viagem de comboio entre Coimbra e Porto, 2019.
Fotografia da autora.



Autocarro no Porto, 2017. Fotografia da autora.

Deficiência e Vida Independente em Portugal

Desafios e potencialidades

Josinaldo Araújo Júnior

Doutorando em Sociologia, FEUC

Entre os dias 18 e 21 de novembro de 2020, realizou-se, na plataforma zoom, o colóquio internacional – “Deficiência e Vida Independente em Portugal: desafios e potencialidades” – uma organização conjunta do projeto “DECIDE - Deficiência e autodeterminação: o desafio da “vida independente” em Portugal” e do Centro de Apoio à Vida Independente de Lisboa do CVI. O colóquio não só apresentou os resultados finais do projeto DECIDE, como também contribuiu para um momento de reflexão importante, através de comunicações nacionais e internacionais (Suécia, Suíça, Bulgária, Inglaterra e Espanha), sobre as soluções de Vida Independente oferecidas às pessoas com deficiência em Portugal.

As pessoas com deficiência fazem parte de um segmento da população que, ao longo da história, foram sofrendo com o processo de invisibilização. A Vida Independente tem-se afirmado internacionalmente como um direito das pessoas com deficiência ao controlo sobre todas as decisões que dizem respeito às suas vidas. A partir da Convenção Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência, protocolo facultativo da Organização das Nações Unidas, os estados signatários passaram a gerir as políticas públicas direcionadas para essa parcela da população. Em 2009, o Estado português integrou esse diploma legal no seu ordenamento jurídico. No entanto, e como foi possível verificar nas diversas comunicações apresentadas neste importante encontro, a Vida Independente continua a não ser um direito generalizado à totalidade das pessoas com deficiência em Portugal.



Conferência de abertura. Adolf Ratzka. DECIDE, 2020.

Jornadas Pedagógicas

Madalena Duarte

Professora de Sociologia, FEUC

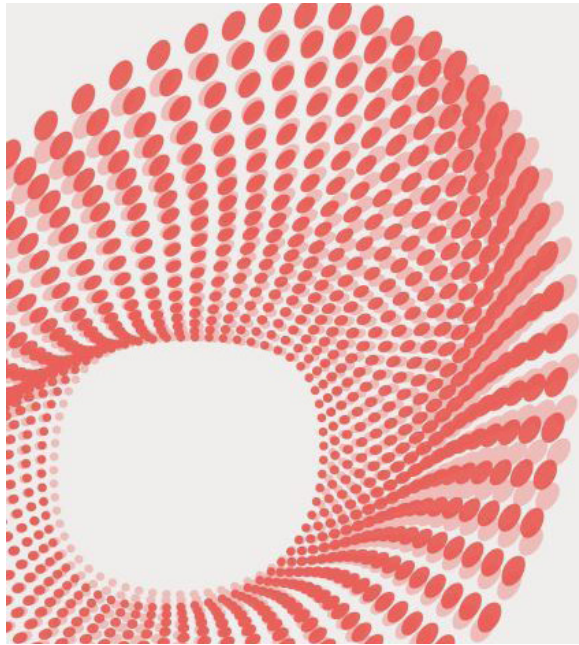
ONES/AAC realizou, no dia 10 de março, mais uma edição das Jornadas Pedagógicas. Apesar do confinamento, o ONES/AAC não deixou de possibilitar um espaço de debate sobre temas que vão ao encontro de muitos/as estudantes de Sociologia. Numa tarde muito participada, e com aceso debate, reuniram-se na plataforma Google Meet, quatro convidados/as que, com a pandemia como pano de fundo, abordaram o risco nas sociedades contemporâneas, a violência nas relações de intimidade, o trabalho nas ONG e o lugar das mulheres na arena política.



XI Congresso APS "Identidades ao Rubro"

Madalena Duarte

Professora de Sociologia, FEUC



XI IDENTIDADES AO RUBRO: DIFERENÇAS, PERTENÇAS E POPULISMOS NUM MUNDO EFERVESCENTE

CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

Associação Portuguesa de Sociologia
Tel: 217 804 738
e-mail: apsiaps.pt
Inscrições em www.apsi.pt

iscte

CIES

LISSBOA

FEUC

ICS

29 - 31 MARÇO 2021
Iscte & ICS-ULisboa

A pandemia causada pela Covid-19 levou ao adiamento do XI Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia, inicialmente previsto para 2020. Assim, o Congresso sob o lema “Identidades ao rubro: diferenças, pertenças e populismos num mundo efervescente”, realizou-se em formato online, de 29 a 31 de março deste ano. Foram várias/os as/os docentes e estudantes da FEUC que apresentaram comunicações e posters nas várias sessões deste Congresso.

De Portas Abertas:
Projeto Artístico e Comunitário no Vale da Arregaça de Coimbra

T DE PORTAS ABERTAS

XI Congresso Português de Sociologia – ESPP/ISCTE-IUL e ICS-ULisboa – online - 29 a 31 de março de 2021, por: Daniel Lavrador – daniel.lavrador18@gmail.com
João Catulo – jcatulo07@gmail.com
Alunos de Mestrado em Sociologia na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC)

Introdução

“De Portas Abertas” é um projeto artístico e comunitário, realizado pelo Teatro (companhia profissional de teatro de Coimbra), em que a nossa tarefa principal foi integrar a equipa do projeto e contribuir para o processo de Mapeamento Cultural de uma zona da cidade de Coimbra: o Vale da Arregaça. Os espetáculos de teatro foram apresentados na fase final do projeto, onde toda a informação recolhida durante a fase de mapeamento serviu para enriquecer a dramaturgia. Os resultados do mapeamento determinaram a planificação das restantes atividades, nomeadamente a identificação de espaços e lugares de grande importância simbólica e cultural e o aprofundamento de histórias de vida dos moradores. Desta forma foi possível criar uma rede de pessoas disponíveis para tornar esta intervenção verdadeiramente participada, seja através de entrevistas mais aprofundadas ou como participantes dos espetáculos de teatro planeados.

Metodologias utilizadas no Mapeamento Cultural

Pesquisa

- Geográfica
- Documental
- Bibliográfica

Observação Direta

- Lugar de referência (Campo de futebol da Arregaça, Sociedade de Porcelanas e Fonte do Castanheiro)

Análise Quantitativa e Qualitativa da Informação

- Inquérito por questionário aplicado porta-a-porta (219 inquéritos)
- Realização de Entrevistas semiestruturadas a moradores do Vale da Arregaça (9 entrevistas)
- Conversas/Joletas com representantes das Associações Locais (Associação artística e cultural Salatina, Associação de moradores do Bairro Social Fonte do Castanheiro, Grupo Desportivo da Arregaça)

Resultados

De acordo com os gráficos apresentados, feitos com as informações obtidas através da aplicação de inquéritos por questionário, é possível perceber que:

- Existe um fosso geracional entre:
 - a população mais jovem, mais escolarizada e a viver na zona mais moderna (Área do União) e próxima dos centros urbanos da cidade, e a população mais idosa, menos escolarizada, mais isolada e afastada dos percursos urbanos a viver na zona mais antiga e degradada do Vale (Área do Bairro Social).
- Sobre a programação cultural de Coimbra:
 - os moradores mais jovens mostram-se mais interessados, são maiores consumidores e mais críticos;
 - a população mais idosa mostra-se indiferente e usufrui menos da oferta cultural.
- A situação inverte-se quando são questionados sobre as tradições culturais e/ou religiosas do Vale:
 - a população mais idosa é mais conhecedora das tradições locais;
 - a população mais jovem mostra-se desinteressada e desconhecedora.

Apresentação do Espetáculo "De Portas Abertas"

O primeiro espetáculo, realizado nos dias 12 e 13 de Setembro de 2020, decorreu no campo de futebol da Arregaça. Está previsto uma continuação do projeto em 2021 e 2022.

Conclusões

O processo de Mapeamento Cultural, apesar de dificuldades causadas pela incapacidade de contactar todos os habitantes do Vale e pela pandemia Covid 19, conseguiu cumprir com o seu objetivo de servir como base para a dramaturgia do espetáculo. Também contribuiu para chamar a atenção para esta zona da cidade (Vale da Arregaça) e para os desafios urbanísticos, sociais e culturais que enfrenta, nomeadamente o facto de se ter tornado ao longo

Gráfico 1: Distribuição dos inquéritos aplicados pelas Áreas de Estudo

Gráfico 2: Cruzamento entre a Faixa Etária e as Áreas de Estudo

Gráfico 3: Cruzamento entre as Áreas de estudo e o Nível de escolaridade dos moradores no Vale da Arregaça

Gráfico 4: Cruzamento entre o Nível de escolaridade dos moradores e as Áreas de Estudo

Gráfico 5: Apresentação do Espetáculo (Foto - Carla Gomes)

Poster:
"De Portas Abertas"

Eleição dos Corpos Sociais da APS

No último dia do XI Congresso Português de Sociologia, foram eleitos os corpos sociais da Associação Portuguesa de Sociologia para o biénio 2021-2023. O Professor Paulo Peixoto foi eleito presidente da Direção da Associação Portuguesa de Sociologia (APS).

A Sociologia da FEUC ficou ainda representada através da eleição da Professora Sílvia Portugal para Presidente do Conselho de Deontologia, e dos Professores Carlos Fortuna e Elísio Estanque, para membros do Conselho Consultivo.



Associação
Portuguesa de
Sociologia
Assembleia-geral



Professor Paulo Peixoto



Professora Sílvia Portugal

Ciclo de Cinema Urbano 2021

Primeiro Bloco: "Cidades Intangíveis"

Lucas Brasil Pereira

Doutorando em Sociologia, FEUC

O Ciclo de Cinema Urbano regressa em 2021 – promovido pelo Doutorado em Sociologia: Cidades e Culturas Urbanas – com nova edição on-line. O Ciclo propõe-se a discutir conflitos, transformações e fenómenos inerentes à ampla problemática das “questões urbanas”. Neste novo formato, o Ciclo foi segmentado em dois blocos: o primeiro, com início em abril de 2021, centra-se nas “Cidades Intangíveis”, enquanto o segundo, previsto para setembro de 2021, aborda as “Cidades em Disputa”.



As sessões do primeiro bloco apresentam uma seleção de curtas-metragens com exibições virtuais seguidas de debate. Inicia-se o Ciclo com uma sessão em torno da "Cidade Sonora", os seus silêncios e ruídos. Em seguida, prossegue com a temática das "Cidades Imaginadas" e especula, com contornos futuristas, a condição urbana. Por fim, encerra com um desafio à multiplicidade do sensível a partir da "Cidade Percecionada pela Infância".

O Ciclo de Cinema Urbano é aberto ao público!

CICLO DE CINEMA URBANO (PARTE I)

「Cidades Intangíveis」

Sessão 1 | **Cidades Sonoras** | 29 de abril de 2021, 18h (GMT +1)
5 perspectivas sobre o som (PT, 2021, 33 min, 02 seg)
 de Carlos Alberto Augusto
 Comentadores: Carlos Alberto Augusto (Designer Sonoro), Carlos Fortuna (FEUC/CES)
 Moderador: Cristiano Pacheco (Doutorando)

[zoom](https://zoom.us/j/87867309875) <https://zoom.us/j/87867309875>
 ID: 878 6730 9875 Password: 2021

Sessão 2 | **Cidades Imaginadas** | 27 de maio de 2021, 18h (GMT +1)
Tunnelen (NO; 2016; 14 min 22 seg) de André Øvredal
Hyper-reality (CO; 2010; 6 min 15 seg) de Keiichi Matsuda
 Comentador: Ramón del Castillo (UNED)
 Moderadora: Violeta Rodríguez Becerril (Doutoranda)

[zoom](https://zoom.us/j/81923756399) <https://zoom.us/j/81923756399>
 ID: 819 2375 6399 Password: 2021

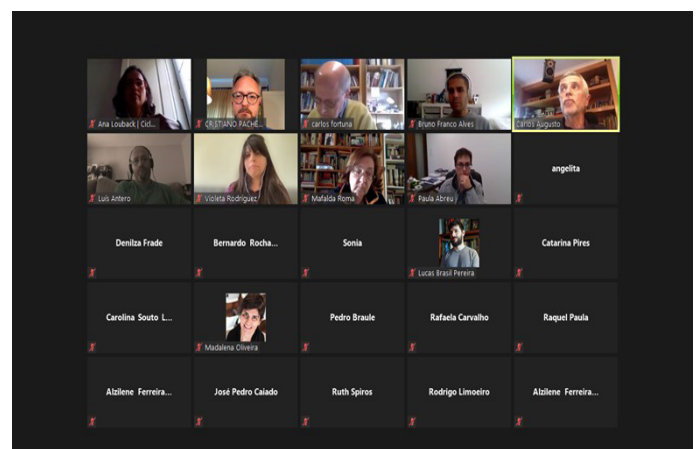
Sessão 3 | **A Cidade Percecionada pela Infância** | 15 de junho de 2021, 18h (GMT +1)
Ciudad Grande (MX; 31 min 24 seg) de Tuline Gölğönen e Ana Álvarez
 Comentadoras: Tuline Gölğönen e Ana Álvarez (Realizadoras)
 Moderadora: Carolina Anselmo (Doutoranda)

[zoom](https://zoom.us/j/83315341453) <https://zoom.us/j/83315341453>
 ID: 833 1534 1453 Password: 2021

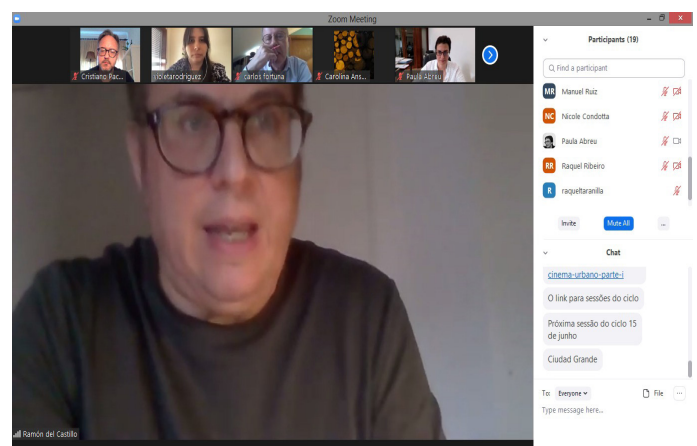
ces.uc.pt/eventos/ccu2021-p1

Estas atividades realizam-se através da plataforma Zoom, sem inscrição obrigatória. No entanto, está limitada ao número de vagas disponíveis.

Organização: Programa de Doutoramento em Sociologia | «Cidades e Culturas Urbanas» (CES/FEUC)



Sessão 1: debate após exibição de filmes



Sessão 2: intervenção de Ramón del Castillo

Implementação do Plano para a Igualdade, Equidade e Diversidade (2019-2023) na UC

Mónica Lopes
Investigadora, CES

A Universidade de Coimbra aprovou recentemente o seu primeiro Plano para a Igualdade, Equidade e Diversidade 2019-2023. Impulsionado pela participação da UC no projeto europeu SUPERA – Supporting the Promotion of Equality in Academia – o Plano constitui um marco importante para a afirmação da UC enquanto instituição de referência no compromisso efetivo com a promoção da igualdade de género e respeito pela diversidade nos planos nacional e internacional.

No contexto internacional, o plano encontra-se em linha com as recomendações europeias para as instituições e ensino superior, e antecipa os desafios que se colocam no novo programa-quadro de investigação e inovação (I&I) da União Europeia, nomeadamente a exigência de que as entidades candidatas apresentem um plano para a igualdade de género. No contexto nacional, o Plano alinha-se com os instrumentos de política pública de promoção da igualdade, designadamente a Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018-2030 «Portugal + Igual».

Trata-se um Plano abrangente e ambicioso, estruturado em torno de nove objetivos estratégicos, essencialmente definidos a partir dos desafios identificados no diagnóstico de género realizado no âmbito projeto SUPERA:

1. Mitigar a segregação horizontal, promovendo a integração de mulheres e homens em áreas científicas de estudos onde estão sub-representadas/os;
2. Combater a segregação vertical removendo barreiras institucionais à progressão e apoiando o desenvolvimento das carreiras;
3. Melhorar a conciliação e o equilíbrio entre o trabalho/estudo e a vida pessoal e familiar;
4. Assegurar a inclusividade nos órgãos de governação;
5. Integrar a igualdade, a equidade e a diversidade nas estruturas e políticas, assegurando a sustentabilidade das ações;

6. Integrar a perspetiva de género e os princípios de igualdade, equidade e diversidade em todas as áreas científicas, nos conteúdos educativos e de investigação, como componente da excelência académica;
7. Sensibilizar a comunidade académica para a igualdade, para a equidade e para a diversidade;
8. Promover políticas de inclusão e de proteção de minorias, prevenir a discriminação e combater o assédio e a violência a todos os níveis (sexual, sexista e moral);
9. Aprofundar as temáticas da cidadania e da igualdade, implementando continuamente medidas de melhoria.

Cada objetivo estratégico desdobra-se em objetivos específicos operacionalizados em 56 medidas e iniciativas. No sentido de atender à complexidade e multidimensionalidade das desigualdades interseccionais, o plano de ações incorpora diferentes tipos de atividades tipicamente implicadas nos processos de mudança institucional promotores de igualdade, nomeadamente recolha e análise de dados, sensibilização, capacitação e transformação de estruturas e processos organizacionais.



“Logado” ao trabalho e à Sociologia

Rafael Lemos

Mestrando em Sociologia, FEUC

O título que escolhi para esta rubrica, em particular o termo “logado”, representa, no seio de um call center, o estar conectado para receber chamadas de clientes. Neste sentido, desde o verão de 2019 que estou “logado”, enquanto estudante, à Sociologia e, como trabalhador, a um call center de apoio ao cliente de umas das principais operadoras de telecomunicações em Portugal.

O ingresso no mercado de trabalho e nesta empresa terceirizada surgiu com diferentes motivações. A motivação óbvia foi a tentativa de obter um maior alívio financeiro, pessoal e familiar, uma vez que sou um estudante deslocado da minha zona de residência e os custos com a formação académica são consequentemente maiores. Uma segunda motivação foi tentar deixar de ser apenas “estudante” e sair da rotina que esse papel implica, desde o estudo até à diversão universitária possibilitada pela cidade de Coimbra, procurando um melhor desenvolvimento pessoal e uma otimização do meu rendimento académico que, por essa altura, se encontrava a diminuir.

A experiência de conciliação entre a vida profissional e académica tem sido positiva e vantajosa. O meu ingresso no mestrado de Sociologia ficou notavelmente marcado pela vida diária de um call center, despertando-me, por um lado, ainda mais o desejo de aprofundar conhecimento e, por outro, melhorando o meu rendimento pessoal e universitário. Desde logo, a experiência profissional tem sido enriquecedo-

ra no desenvolvimento de aptidões informáticas e de relacionamento interpessoal, devido à elevada quantidade de clientes que atendo diariamente. Depois, tem representado um complemento importante à formação académica que adquiero em Sociologia, uma vez que um call center representa uma observação de “campo” bastante privilegiada, principalmente na área do trabalho e do sindicalismo. E este é um local marcado por uma precariedade laboral bastante visível. Para além disso (e por causa dessas circunstâncias), é possível acompanhar a emergência de novas formas de sindicalismo e o modo como tentam rejuvenescer o movimento operário mais “tradicional”. Por fim, tem sido sociologicamente interessante assistir à evolução da precariedade e ao acentuar das desigualdades desde o início da pandemia provocada pela Covid-19 num contexto laboral tão desprotegido como um call center.

Em suma, até agora, a minha mais consolidada experiência profissional implicou que eu transpusesse a elevada pressão diária imposta nesse meio laboral – traduzida na ideia “é possível sempre mais” – para a minha vida pessoal e académica, procurando conciliar exigências de todas as esferas. Por outro lado, permitiu-me pensar sociologicamente as condições e dinâmicas do meu espaço e quotidiano laboral, contribuindo para que não me “deslogasse” da Sociologia ao fim de três anos e procurasse fazer parte integrante do estudo das Ciências Sociais em Coimbra.



A cor da ausência

Bernardo Rocha

Mestrando em Sociologia, FEUC

Fotografias de Rafael Borges



O efeito nefasto da pandemia COVID-19 é notório no setor cultural nacional. Percebemos, desde Março de 2020, que o setor cultural teria desafios, com dificuldades profundas e árduas de contornar. Numa perspetiva ampla, entendemos que a precariedade enraizada no setor, desde a instabilidade laboral ao escasso apoio não assumido como prioritário, revela vulnerabilidades incontornáveis. A posição de resiliência perante as dificuldades dos espaços de intervenção cultural independentes demonstrou um esforço que deve ser reconhecido. Os diversos esforços para promover a ativida-



de cultural de forma segura foram eficazes, no entanto, incapazes de prevenir o fecho de alguns espaços independentes de forma temporária, prolongada ou, em alguns casos, mesmo de forma definitiva. Alguns exemplos como o Popular e o Sabotage em Lisboa, o Marginália em Portimão, o Clube em Vila Real, entre muitos outros que já vinham a realçar estas dificuldades e a combater os desafios que o setor cultural revela, demonstraram sempre uma força incansável. Um exemplo de resiliência é o Salão Brazil, que abre as portas do seu espaço, na baixa da cidade de Coimbra, demonstrando as diversas facetas e cores da ausência da arte performa-

tiva nas suas paredes. As imagens demonstram algumas adaptações feitas pelo espaço: nos momentos em que foi possível, o Salão Brazil reduziu a sua lotação para um número máximo de 30 pes-



soas, assegurando o distanciamento exigido, delineou um percurso para evitar o cruzamento da sua audiência, assegurou meios de desinfecção, exigindo o uso de máscara durante todo o espetáculo. O bar encontrou-se encerrado e o período da performance foi também reduzido. Estes são alguns exemplos de adaptações

cultural exige um pensamento crítico relativamente o papel dos agentes culturais, independentes – que demonstram um peso cultural local e nacional que deve ser protegido, valorizado, credibilizado – e, por isso mesmo, devem entendidos como prioritários.

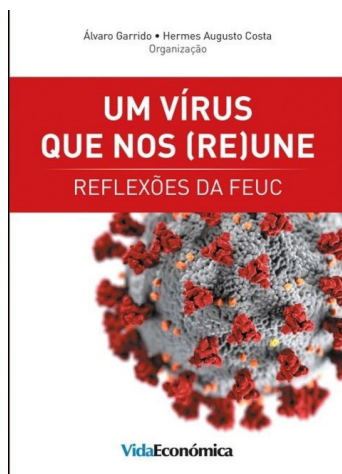
que se verificaram viáveis no espaço do Salão Brazil e que permitiram a sua programação mensal nos momentos em que foi viabilizada. Qualquer reflexão sobre como agir em relação ao setor



Para ler na (e sobre a) pandemia

A pandemia provocada pela COVID-19 tem sido objeto de reflexão, individual e coletiva, por várias/os docentes de Sociologia da FEUC que, partindo dos seus temas e interesses de investigação, procuram contribuir para o conhecimento sobre as dinâmicas e consequências deste fenómeno. Ficam aqui algumas sugestões de leitura.

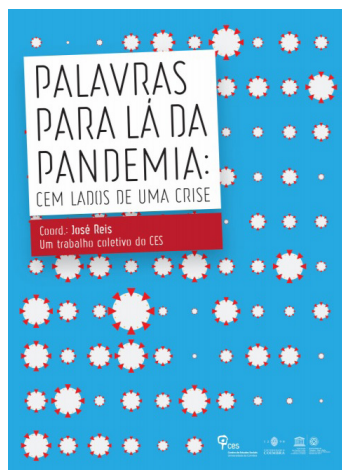
GARRIDO, Álvaro & COSTA, Hermes. (org.) (2020). *Um vírus que nos (re)une. Reflexões da FEUC.* Porto: Vida Económica



Sinopse: Este livro reúne contributos sobre a pandemia produzidos por docentes e investigadores/as da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) ao longo de 2020 e que foram iniciados no Fórum Covid-19, caminhos e ideias, espaço criado no site da FEUC.

REIS, José (coord.) (2020). *Palavras para lá da pandemia: cem lados de uma crise.*

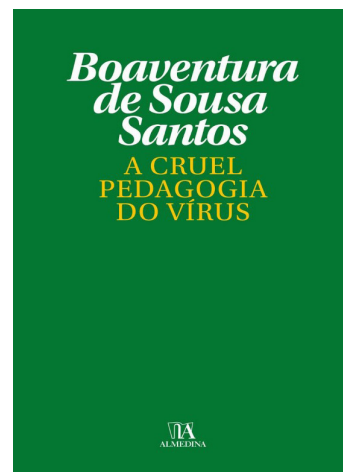
Disponível em: www.ces.uc.pt/publicacoes/palavras-pandemia



Sinopse: Este Dicionário é um trabalho coletivo do Centro de Estudos Sociais que tem cem entradas que correspondem, no fundo, a temas que constituem problemas e desafios dos tempos que vivemos e que justificam a construção de alternativas. Entradas como Desigualdades Sociais em Saúde, Doença Mental, Cidades, Profissões na Saúde, Populismo e Extrema Direita, Sindicalismo,

Violência nas relações de intimidade, entre outras, fazem parte das preocupações de alguns e algumas Docentes de Sociologia da FEUC e que constam neste Dicionário.

SANTOS, Boaventura de S. (2020). *A cruel pedagogia do vírus.* Coimbra: Almedina



Sinopse: A pandemia provocada pelo coronavírus conferiu uma maior visibilidade a muitas das fragilidades da nossa sociedade. Neste livro, Boaventura de Sousa Santos reflete sobre o impacto que a situação em que subitamente mergulhámos terá nas nossas vidas, presentes e futuras, ao mesmo tempo que critica a inércia e a incapacidade intrínseca do sistema económico vigente de fazer

frente aos desafios que esta crise tornará mais inadiáveis do que nunca.

CARMO, Renato M. do ; TAVARES, Inês; CÂNDIDO, Ana F. (org.) (2020). *Um Olhar Sociológico sobre a Crise COVID-19.* Lisboa: Observatório das Desigualdades

Disponível em: www.observatorio-das-desigualdades.com/observatorio-das-desigualdades



Sinopse: Este livro nasce a partir de uma rubrica de vídeos com entrevistas a sociólogos/as, promovida pelo Observatório das Desigualdades, publicados entre 7 de abril e 8 de junho de 2020. Nestas entrevistas, o olhar especializado destas/es investigadoras/es procurava contribuir para perceber/reduzir a incerteza e instabilidade que partilhamos

coletivamente. As reflexões sociológicas destes/as investigadores/as foram aprofundadas neste livro que tem como objetivo melhor compreendermos os impactos e as consequências desta crise nas desigualdades sociais.

Teses Concluídas em 2020

Teses de Mestrado

Cíntia Gomes Ribeiro, *Do RSI ao CLICK – uma nova oportunidade para públicos vulneráveis em situação de desemprego (o caso de Matosinhos)* (Relatório de Estágio). Orientadora: Madalena Duarte

Cláudia Filipa Gomes Rodrigues, *Programação, comunicação e públicos: Uma abordagem Sociológica no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra* (Relatório de Estágio). Orientador: Claudino Ferreira

Daniela Sofia Pereira Neto, *Afinal o que é o assédio sexual? As representações dos/as estudantes da Universidade de Coimbra relativamente ao assédio sexual* (Dissertação). Orientadora: Madalena Duarte

Edilma de Paula Carrijo Oliveira, *“COMO OVELHAS QUE NÃO TÊM PASTOR”: O olhar da Sociologia para a solidão do líder eclesialístico* (Dissertação). Orientadora: Paula Abreu

Fausto Custódio Correia, *As Universidades Seniores enquanto Dimensão Social, Educativa, Económica e Sociológica* (Dissertação). Orientador: Pedro Hespanha

João Emanuel Marques Santos, *Gentrificação Turística e a Renovação do Centro Histórico de Coimbra - O caso do Quebra Costas* (Dissertação). Orientadora: Paula Abreu

Mafalda da Cruz Machado, *Os Rapazes da Rua: Sanções Disciplinares Aplicadas aos Menores no Centro Educativo de Santa Clara em Vila do Conde nas décadas de 1930-1940* (Relatório de Estágio). Orientadoras: Paula Abreu e Viviane Trindade Borges

Margarida Sequeira da Silva Rodrigues Augusto, *Mulheres na realização - Trajetos profissionais de mulheres realizadoras nascidas nos anos 1970* (Dissertação). Orientadora: Paula Abreu

Murilo Rosa Macedo, *O Movimento de Ocupação de Escolas em Goiás. Desde as escolas para as redes* (Dissertação). Orientador: Elísio Estanque

Rodrigo Nunes Limoeiro de Sousa, *Economia compartilhada e gentrificação: estudo de caso do Airbnb na favela do Vidigal* (Dissertação). Orientador: Daniel Neves da Costa

Teses de Doutoramento

Doutoramento em Sociologia

Ana Filipa Gamboa Queirós, *Suspeição Biogenética: controvérsias e expectativas sobre tecnologias de inferência fenotípica no contexto de investigação criminal*. Orientadoras: Helena Machado e Sílvia Portugal

Doutoramento em Sociologia: Cidades e Culturas Urbanas

Maria de Fátima Torreão Espinheira, *Economia verde e resíduos urbanos: paradoxos e adaptações na sociedade de consumo*. Orientador: Paulo Peixoto



Defesa de doutoramento de Filipa Queirós, Julho 2020.

Tânia Lúcia Leão Martins de Sousa e Silva, *Públicos de Festivais de Cinema em Portugal: um Estudo Comparado*. Orientador: Cláudio Ferreira

Doutoramento em Sociologia: Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo

Adriano Pereira Campos, *Crises, Estado e Precariedade Laboral. O trabalho temporário em Portugal*. Orientador: Hermes Costa

Alberto Kapitango Nguluve, *Relações de trabalho docente nas universidades angolanas: constâncias e metamorfoses*. Orientador: Elísio Estanque

Rangel Silvando da Silva do Nascimento, *De quem é a terra? A questão da reforma agrária e o MST no governo Lula*. Orientador: Elísio Estanque

Doutoramento em Pós-colonialismo e Cidadania Global

Ana Cláudia Cardoso de Freitas, *Migração feminina em contextos pós-coloniais globalizados: teias entrelaçadas entre afetos e agência na rota Brasil-Suriname-Holanda*. Orientadores/as: Ana Cristina Santos e Boaventura de Sousa Santos

Maurício Hashizume, *Desobedecendo o sistema - Matriz abissal e lutas indígenas em contextos latino-americanos*. Orientadores: Boaventura de Sousa Santos e José Manuel Mendes

Francisco Javier García Fernández, *Capitalismo andaluz en la primera modernidad europea (Siglos XIV-XVI)*. Orientador: Boaventura de Sousa Santos

Gabriela de Freitas Figueiredo Rocha, *Para descolonizar a diferença: as trajetórias de indígenas urbanos brasileiros na defesa das suas identidades e na construção de um Estado Intercultural*. Orientadoras: Élide Lauris e Maria Paula Meneses

Fabio André Diniz Merladet, *Pedagogia da Articulação: A Universidade Popular dos Movimentos Sociais e a ecologia de saberes na prática*. Orientadores/as: Boaventura de Sousa Santos e Sara Araújo

Jafar Silvestre Jafar, *O impacto da globalização económica contemporânea em Monapo e Palma, Moçambique*. Orientadores/as: Mustafah Dhada e Maria Paula Meneses

Maisa Antunes, *Diálogos do riso - Um campo aberto para repensar a arte e a educação*. Orientadores/as: António Sousa Ribeiro e Maria Irene Ramalho



prisma.soc

Newsletter da Sociologia de Coimbra

Contactos

Email: newsoc@fe.uc.pt

Morada: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Av. Dias da Silva, 165, 3004-512 – Coimbra – Portugal.

Orientações para publicação:

A Newsletter *prisma.soc* é uma publicação dos cursos de Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) destinada à difusão de informação e à publicação de pequenos ensaios e reflexões, assim como à divulgação de encontros e eventos realizados na FEUC e outras instituições. A **prisma.soc** publica textos da autoria de estudantes e professores dos cursos de pós-graduação, mestrado e doutoramento em Sociologia, mas também aceita contribuições de todos/as interessados/as em divulgar trabalhos e informações de natureza sociológica. A decisão sobre a publicação de contributos não solicitados será comunicada com celeridade aos autores.

Os/as colaboradores/as da **prisma.soc** devem observar as seguintes limites para as várias rubricas (em número de caracteres, incluindo espaços): "No terreno": 5.000; "Ensaio": 7.000; "Encontro": 3.000. As restantes colaborações não solicitadas não devem exceder 3.000 caracteres.

Os textos propostos devem incluir uma imagem de ilustração, a ser enviada conjuntamente para: newsoc@fe.uc.pt.